

ESPAÑHA ISLÂMICA (Taifas)

A expansão Árabe iniciada após a morte de Maomé atingiu a península ibérica no século VIII em processos longos e complicados que se iniciaram com as primeiras incursões militares árabes a região entre os anos de 642 e 669 que partiram do Egito sem uma estratégia do califado central. E no momento em que a sede do califado transferiu-se de Medina para Damasco onde os Omiadas reconheceram a importância de dominar o mediterrâneo, e em 670 um exército Árabe chefiado por Uqba Ibn Nafi fundou a cidade de Al-Cairouan que passou a servir de base para operações militar mais distante.



E no ano de 711 o general liberto e governador da faixa ocidental do Magrebe Tarik Ibn Ziyad venceu o visigodo Rodrigo rei da Espanha. E a frente de seu exército com auxílio de berberes convertidos, ele atravessou o estreito e desembarcou em Jabal-i-Tariq e no ano de 712 uma nova leva de Árabes chegaram à região no momento em que grande parte da Espanha Central já tinha sido ocupada, e seguiram as suas conquistas através de Medina, Sidônia, Sevilha e Mérida e estabeleceram uma nova capital em Córdoba às margens do rio Guadalquivir e, ao prosseguirem em direção norte eles cruzaram a cidade de Tours na França em 732 onde foram derrotados, com isto a expansão do islã entre os Berberes não garantiu o apoio, a segurança e a estabilidade por eles desejadas em virtude das constantes mudanças promovidas pelo califado central e em razão dos interesses das diversas tribos e pela mistura de etnia e cultura dos povos.

Onde os árabes formavam a aristocracia, os Berberes que eram considerados como sendo uma classe inferior, os Mossárabes que eram os habitantes da península e mantinham o credo cristão, os Mualadíes quer eram filhos de mães escravas habitantes da península e que se converteram ao Islã e, também os Judeus e os escravos que reivindicavam igualdade de condições e direitos junto aos Árabes.

E em decorrência dos fatos entre os anos de 739 e 740 a insatisfação generalizou-se e transformou-se em uma revolta aberta sob a bandeira do Islã carijitas que lutaram contra o governo Omíada do oriente, com isto foi elevado ao poder à dinastia Abássida em 750 que constituiu uma civilização muito superior em Al-Andalus.

E durante a revolução abássida em Damasco o príncipe Abdul Rahaman foi auxiliado pelos Árabes fieis aos Omíadas e conseguiu escapar para Espanha onde derrotou o governador Abássida de Andaluzia e tomou Córdoba e assumiu o titulo de emir e declarou-se independente do califado central ao estabelecer o seu próprio emirado em nome dos Omíadas



E reconheceu a soberania religiosa do califa com o objetivo de fortalecer o reino peninsular, de consolidar as rotas comerciais do mediterrâneo e garantir uma relação com Bizâncio oriente o qual asseguraria o suprimento de ouro, e cujo território tinha uma grande mistura de povos cristãos, judeus e muçulmanos de varias etnias, principalmente de Árabes e Berberes que marcaram profundamente a cultura Espanhola com um legado de arte, arquitetura, língua e tradições que transformou Córdoba em um centro de referencia da época, e com o correr do tempo a hegemonia política de Al-Andalus controlava o triangulo formado pela Argélia, Sijilmasa e Atlântico e a Espanha ocidental e nesta época o império germano-romano estabeleceu relações diplomáticas com o califado e pequenos fortes cristãos do norte da península que acabaram reconhecendo e aceitando a superioridade do califado que tinha as bases do poder assentadas na capacidade econômica proveniente de um comércio importante, uma industria desenvolvida e um conhecimento agrícola revolucionário e uma economia baseada em uma moeda de ouro que se tornou a principal moeda da época, tudo isto fez com que o califado de Córdoba se tornasse a principal economia urbana e comercial que floresceu na Europa. Depois do desaparecimento do império romano Abd al Rahman III que era apaixonado tanto pela religião como pela ciências seculares.

E anos depois os matemáticos de Córdoba começaram a dar suas contribuições pessoais, quando o matemático e astrônomo de Andaluzia Maslamah al Majriti ao escrever inúmeros trabalhos sobre matemática e astronomia, e ao estudar e elaborar a tradução dos trabalhos de Ptolomeu e ampliar e corrigir as tabelas astronômicas de Al Khawarizmi, e também ao compilar as tabelas de conversão que relacionavam as datas dos calendários Persa com as datas da Hégira para que os eventos do passado Persa fossem datados com precisão, e ele foi precedido por outros cientistas competentes como Ibn Abi Ubaydah de Valência, Al Zargali notável matemático e astrônomo que viveu em Córdoba e que combinou o seu conhecimento teórico com a habilidade técnica para construção de instrumentos para uso astronômico e de um relógio d'água e construiu de forma eficiente nas famosas tabelas Toledanas e de livro de tabelas, e um outro sábio muito importante foi Al Bitruji que desenvolveu uma teoria sobre o movimento estelar baseado no pensamento de Aristóteles em seu livro de forma.



Os cientistas da Espanha muçulmana também contribuíram de forma exuberante para a medicina com excelentes clínicos na Andaluzia quando estudaram os trabalhos dos médicos gregos traduzidos pela famosa Casa da Sabedoria em Bagdá e entre eles temos Ibn Shuhayd com sua obra sobre o uso de drogas, Abu al Qasim al Zahrawi que foi um dos mais famosos cirurgiões da idade média que escreveu o livro Tasrif que traduzido para o latim se tornou o texto médico obrigatório nas universidades Europeias.

Ibn Zuhr conhecido como Avenzoar era um clínico habilidoso que descreveu pela primeira vez os obsessos pericárdicas e Ibn Al Khatib médico historiador, poeta e estadista que escreveu um importante livro sobre a teoria do contágio e nesta época a Espanha muçulmana também trouxe grandes contribuições para a ética médica e higiênica através dos mais eminentes teólogos e juristas que ente eles podemos citar Ibn Hazm.

E na botânica Ibn al Baylar foi um dos mais famosos botânico andaluz que escrever o livro Drogas Simples Alimentos que era um compêndio das plantas medicinas nativas da Espanha e do norte da África, e no principio por mera curiosidade sobre o mundo e seus habitantes, os sábios da Espanha muçulmana começaram com os trabalhos de Bagdá e depois prosseguiram por suas próprias contas um estudo em parte por questões de ordem econômica e política da geografia básica da Andaluzia principalmente através de Ahmad Ibn Muhammad al Razi, e outros geógrafos que aqui podemos citar como o caso de Al Bakri que era um importante ministro na corte de Sevilha que publicou um trabalho voltado para a geografia da península arábica, Al Idrisi que estudou em Córdoba, e que depois de viajar muito se estabeleceu em Sicília onde escreveu o livro de Roger no qual descreveu a geografia sistemática do mundo, e nesta época inúmeros sábios na Andaluzia se devotaram ao estudo da história e das ciências linguísticas que era a principal das ciências sociais cultivada pelos Árabes.

E o espírito mis original foi Ibn Khaldun que foi o primeiro historiador a desenvolver e explicar as leis gerais que regem a ascensão e declínio das civilizações e em seus prolegômenos, uma introdução à enorme Historia Universal na qual ele abordou a história como uma ciência, e desafiou a lógica de muitos relatos históricos até então aceitos.

E uma outra grande área da atividade intelectual na Andaluzia foi a filosofia, onde foi feita uma tentativa de lidar com os problemas intelectuais surgidos com a introdução da filosofia grega no contexto islâmico e um dos primeiros a lidar com a questão foi Ibn Hazm que foi descrito como um dos gigantes da história intelectual do Islã e entre os muitos filósofos podemos citar Ibn Bajjah, Ibn Tufayl, Ibn Rushd que alcançou a mais notável reputação, pois sendo um aristotélico apaixonado, e a sua obra sobre o desenvolvimento da filosofia ocidental quando traduzida para o latim, teve um efeito duradouro.



La Alhambra em Córdoba

E quando se fala em arte islâmica temos que nos render à criatividade de uma arte e de uma arquitetura característica de uma civilização que dominou grande parte do mundo durante muito tempo, e que não se limita a uma única etnia e sim as diversas sob o signo da autentica identidade supranacional com grandes diversidades culturais que tomaram formas locais e regionais e nos primórdios do Islã surgiu de imediato uma arte rica e variada com base na tradição clássica das artes bizantinas, persas e nos povos orientais subjugados e que deram como resultado uma arte tipicamente muçulmana e entre as artes decorativas hispano-muçulmanas merecem destaques os arcos, os entalhes, o uso do bronze os objetos de madeiras, a cerâmica vidrada, as pias para abluções, os tecidos de seda bordados e os livros ricamente encadernados, E quanto a arquitetura militar cabe citar as fortificações das cidades com muralhas que apresentavam guaritas em espaços regulares e quanto a arquitetura residencial destacavam-se os palácios e alcazares.

E durante o período de 756 a 929, oito emires se sucederam numa época brilhante sobre o ponto de vista cultural, ainda que obscurecida por diversos levantes, até que Abdul Rahman III decidiu fundar um califado ao se declarar como emir Al-Muminin, e se outorgando além do poder temporal, o espiritual sobre a comunidade muçulmana, este califa como o seu sucessor Al-Hakam II, que durante o seu governo soube de forma brilhante formar a integração étnico-cultural ente os Berberes, Árabes, Hispânicos e Judeus ao apaziguar a população a pactuarem com os cristãos e mandou construir e ampliar numerosos edificios ao se cerca do que havia de mais erudito na época e para isto temos como exemplo a construção da mesquita de Córdoba, cuja obra teve continuidade com o seu sucessor Al-Hakam II, no entanto nem todos os sucessores destes brilhantes califas seguiram as suas políticas tão aceita, com isto surgiram os primeiros focos de resistências, a após alguns anos de guerras civis, o califado foi finalmente abolido.



La alhambra de córdoba

E com o reinício das lutas separatistas e as rebeliões surgiram às divisões e decomposições na Andaluzia quando as grandes famílias Árabes, Berberes e Muwaladis e Cristãos hispânicos que abraçaram o islã quiseram usufruir as benesses do estado, então surgiram por todas as partes os reis de taifas ao se elevarem à categoria de donos e senhores dos principais lugares do território andaluz. Com isto Dom Afonso VI liderando um exército cristão retomou a cidade de Toledo e dando início a reconquista espanhola, e isto fez surgir o ressentimento étnico religioso quando mercenários muçulmanos e cristãos como a figura de El Cid que estavam dispostos a lutar contra seus próprios correligionários que mantivessem determinadas posições de poder. Enquanto isto no Magrebe ocidental surgia um movimento político e religioso numa tribo Berbere do sul que eram os Lamtuna que fundaram a dinastia dos Almorávidas com o objetivo de estabelecer uma comunidade política com os ensinamentos islâmicos do teólogo Abdallah Ibn Yasin.

Ao aderirem ao islã ortodoxo, e os seus seguidores ficaram conhecidos como Al-Murabitum (o povo dos monastérios e na historiografia ocidental como os Almorávidas) e em pouco tempo empreenderam uma série de campanhas e formaram um império que compreendia parte do norte da África e da Andaluzia e no ano de 1055 sob a chefia de Ibn Tashfin os Almorávidas penetraram na península e conquistaram Sijilmasa e Awdaghust que eram importantes centros comerciais de ouro trans-sahariano quando venceram as tropas de Dom Afonso VI em Sagradas e fundaram a cidade de Marrakesh que passou a ser a capital do reino Almorávidas. Ao darem prosseguimento de suas campanhas os Almorávidas acabaram com os reis de Taifas e passaram a governar a Andaluzia onde acabaram encontrando uma certa oposição por parte da população que se revoltou com o rigor e rigidez por eles praticada.

E com a morte de Abdallah Ibn Yasin, um de seus seguidores de nome Abu Bakr tomou para si o manto da liderança e continuou as conquistas do noroeste da África, e no ano de 1087 Yusuf Ibn Tashfin tornou-se o líder do ramo norte dos Almorávidas e conquistou a cidade de Ceuta ao longo do estreito de Gibraltar.

Enquanto isto Dom Afonso VI retomava a cidade muçulmana de Toledo, com isto o governante muçulmano de Sevilha ao se sentir ameaçado pediu ajuda, com isto Ibn Tashfin cruzou o estreito e derrotou Dom Afonso VI e retornou a Marrocos e em novo avanço ele submeteu seus aliados muçulmanos e anexou toda a Espanha muçulmana ao seu vasto império que ia do rio Senegal até o rio Ebro, com isto a Andaluzia se transformou numa simples província de Marrocos, no entanto essa unificação política não durou muito tempo em virtude das dificuldades econômicas, inquietação social e das desavenças entre as comunidades judaica e cristã que geraram uma série de revoltas, enquanto isto surgia um novo movimento religioso em Magrebe que era os Almoadas para ameaçar a supremacia dos Almorávidas.

Esta nova dinastia que surgiu numa tribo Berbere procedente do Atlas era liderada pelo guerreiro Ibn Tumart que se organizou para derrotar seus predecessores, e apesar de terem tido grandes construtores e cercados dos melhores literatos e cientistas da época, eles acabaram por sucumbir ao relaxamento dos costumes e quando parecia que tudo estava perdido devido ao avanço de Castela.

Foi que surgiu em Jaén a dinastia Nasari fundada por Al-Ahmar Ibn Nasr, o célebre Abenamar do romanceiro que deu novos alentos aos muçulmanos, com sede em Granada seu reino compreendia as regiões granadina, almeriense e malaguenha e parte da Murcia e cercado de grande instabilidade em virtude de estarem ao norte os reis católicos e ao sul os sultões Marinidas de Marrocos e que apesar de tudo a cidade de Granada se constituiu como uma grande metrópole em seu tempo onde acolhia muçulmanos de todas as partes do mundo. E em meados do século XIII, tudo o que restava da Espanha muçulmana era o reino de Granada na costa sul da península ibérica, pois os cristãos tinham reconquistado Córdoba em 1236, Sevilha em 1248 e em breve toda a península ibérica se tornou cristã e o ponto decisivo se deu no final do século XV quando do casamento de Fernando de Aragão com Isabel de Castela e Leon que unificaram a Espanha e fortaleceram os exércitos cristãos.

E por conta disto em 1492 os cristãos finalmente derrotaram os muçulmanos quando o rei Bobadilha Abu Abd Allah capitulou perante aos reis católicos ao entregar a cidade de Granada e partir desta data se deu o início das perseguições e aculturação sem trégua dos mouriscos que permaneceram sob o domínio cristão até acontecerem às expulsões maciças a partir de 1610 quando deixaram para trás setecentos anos de ocupação da península ibérica com seus legados indelévels na cultura espanhola que pode ser vista hoje na arquitetura, língua e nas tradições da Espanha.



La Alhambra

PERÍODO DAS PRIMEIRAS TAIFAS

Embora a desagregação final do califado de Córdoba se tenha verificado em 1031, desde 1009 a situação política caracterizava-se pela instabilidade. Finda a hegemonia da família do primeiro-ministro Almançor começa a anarquia, provocada pela ambição de vários protagonistas e dá-se a decomposição do califado. O Al-Andalus acabará retalhado em inúmeras unidades políticas, os reinos de taifas (do árabe al-ta'ifa, "partido" ou "bandeira"). Os reinos de taifas eram unidades políticas que partilhavam uma afinidade de origem étnica. Muitos deles tiveram uma existência efêmera. Os berberes estabeleceram reinos no centro e sul da península e os eslavos na costa leste. As taifas com maior extensão territorial eram as que faziam fronteira com os reinos cristãos (as de Badajoz, Toledo e Saragoça), encontrando-se as mais pequenas no sul. Aproveitando esta desordem, os cristãos apressaram o movimento da Reconquista; as rivalidades entre a taifa de Badajoz e a de Sevilla vão permitir a Fernando I de Leão e Castela conquistar Coimbra em 1064.



Período almorávida Perante a conquista cristã da cidade de Toledo em 1085, al-Mu'tamed, rei abádida da taifa de Sevilha, pede ajuda aos Almorávidas, uma dinastia berbere que governava o norte de África. Em 1086 o emir almorávida Yusuf derrota os cristãos na Batalha de Zalaca. Para além do combate aos cristãos, os Almorávidas acabariam por subjugar os reinos de taifas entre 1090 e 1110 e integrar o Al-Andalus no seu império norte africano. As origens da dinastia dos Almorávidas encontram-se nos Lamtuna, uma tribo dos Berberes Sanhadja que vivia de forma nómada no Sara Ocidental (entre o sul do atual Marrocos e as margens do rio Senegal) e que se tinha convertido ao Islão (embora superficialmente) no século IX.

No primeiro quarto do século XI, o pregador Abd Allah ben Yasin al-Jazuli tentou impor aos Lamtuna uma forma do Islão rigorista, baseada na estrita observância da escola malequita. Perante a rejeição destes Berberes, Yasin retirou-se com alguns adeptos para um ribat ou arrábita, um mosteiro militar situado numa ilha perto da costa da Mauritânia, de onde deriva o nome Almorávida (do árabe al-murabit, "guarda de fronteira", "eremita"). Após a morte de Yasin, emerge como líder Yussuf ibn Tachfin, verdadeiro fundador da dinastia. Com os seus guerreiros, Yussuf lança-se à conquista das regiões correspondentes ao atual Marrocos e a Argélia ocidental, tomando Fez em 1063 e fundando a cidade de Marraquexe, por volta de 1069.

O rei de Aragão Afonso I e o rei Afonso VII de Castela lançaram ataques sobre os territórios controlados pelos Almorávidas, e em 1118 Saragoça caiu nas mãos do monarca aragonês. Eventualmente o poder almorávida entrará em declínio e surgirá um período dos segundos reinos de taifas, dos quais se destacam os de Córdoba e Málaga.

Uma boa desculpa para invadir a península: seguir a shariah.

O argumento principal utilizado por Ágila II para motivar e até mesmo forçar a ajuda muçulmana foi colocar no tabuleiro das negociações uma das leis islâmicas presentes na shariah – o código de leis do islamismo – que diz que os muçulmanos devem sempre proteger os “povos do livro”, ou seja, os cristãos e os judeus, além dos muçulmanos que vivam em outras regiões. É isto mesmo que você está lendo: apesar das várias discordâncias entre as três principais religiões monoteístas, a lei islâmica prevê que seu povo deve defender, sempre que possível, os seguidores das outras religiões que, segundo o islã, também seguem uma “escritura sagrada”.



Sarraceno

O que ocorria na Península Ibérica era que os judeus vinham sofrendo perseguições, principalmente dos seguidores de Roderic. Só que esta perseguição vinha desde 612, quando foi instituído o batismo obrigatório dos judeus, sob pena de expulsão e confisco dos bens. Ou seja: a perseguição era antiga, mas foi usada como pretexto para motivar os muçulmanos a invadir a região.

Então, para defender os judeus e também para auxiliar Ágila II, Tārik ibn Ziyād foi destacado para comandar o exército muçulmano na região. O general Tārik atravessou o Estreito de Gibraltar após a abertura do porto em Ceuta, na África, desembarcando

justamente no rochedo de Gibraltar, que após a invasão ficou conhecido como “Djebel el-Tārik”, ou “Monte Tārik”. Conta-se que Tārik mandou queimar todos os barcos após o desembarque, instigando os soldados a vencer o inimigo de qualquer jeito. E em 19 de Julho de 711, na Batalha de Guadalete, as tropas muçulmanas venceram os visigodos liderados por Roderic, que acabou morrendo naquele combate.



Gravura sobre a batalha de Guadalete.

Tārik ainda tomava Toledo e Córdoba em outubro do mesmo ano. Logo depois, recebeu reforço militar de Musa ibn-Nusair, que era o governador do norte da África e que havia destacado Tārik para a tomada do reino visigodo. Com este reforço, Tārik, Musa e comandantes subsequentes – como Abdul-el-Aziz – conquistaram, gradativamente, quase toda a península, instalando ali inicialmente um emirado e depois o califado Omíada de Córdoba, que durou até 1031 e depois viu surgir diversos reinos Taifa, ainda sob dominação islâmica.



Península Ibérica em 750

Apenas uma faixa de terra ao norte, conhecida como Reino das Astúrias, não caiu frente à invasão muçulmana. O período em que os muçulmanos ocuparam a Península Ibérica foi tão importante na região que até hoje suas contribuições culturais estão presentes. Não cabe aqui discutir se a população local sofreu muito ou pouco com a ocupação, nem com as guerras de Reconquista, séculos depois. O que sabemos é que era costume dos islâmicos respeitarem o culto dos povos conquistados, desde que estes pagassem impostos e não atrapalhassem o comércio e o desenvolvimento da região, o que dá margem à ideia de que a perseguição aos judeus diminuiu ou praticamente acabou, e os católicos também tiveram sua crença respeitada.

E, é lógico, a região ficou livre da filosofia vigente em grande parte da Europa ocidental, liderada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Sendo assim, vamos procurar analisar rapidamente as contribuições islâmicas na região.



Mesquita de Córdoba, um espetáculo da arquitetura.

Al-Andalus, o reino islâmico da Europa:

Córdoba, Lisboa, Granada, Mértola, Beja, Toledo e Arraiolos. Todas são cidades da península que alcançaram grande desenvolvimento após a invasão islâmica. Como os muçulmanos são povos oriundos do deserto, as casas eram construídas com um sistema de captação de água para grandes cisternas que armazenavam as chuvas. Os muçulmanos ainda trouxeram o uso os moinhos de água e de vento, além do costume de construir canais de irrigação para as plantações e o consumo.

Os muçulmanos também desenvolveram na região algumas indústrias artesanais de armas, carros de boi, arreios e tapetes. Passaram a cultivar em larga escala - para a época, claro - várias árvores frutíferas, como a laranjeira, o limoeiro, a amendoeira, a figueira e a macieira, além de levar para a região a oliveira.

Trabalho de pesquisa elaborado por:

Carlos Navarro 🇵🇹